

## Inteligente

O Presidente do Sindicato dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro, Theóphilo de Azeredo Santos, está convencido de que a criação de facilidades para a entrada de mais recursos externos no País e a transformação da dívida externa em capital de risco, são "soluções inteligentes", mas desde que mantidos os interesses do Brasil e dos credores.



Theóphilo

A entrada de novos recursos externos e a transformação da dívida externa em capital de risco têm de ocorrer, alerta Theóphilo Santos, de forma seletiva, de modo a favorecer apenas as áreas econômicas carentes de recursos e de tecnologia. Nunca para segmentos já bem ocupados pela empresa nacional, frisou.

## 'Simplista'

O Diretor de Investimentos do Banco Boavista, economista José Júlio Senna, considerou ontem "muito simplista" a proposta de George Shultz. Para ele, não se trata apenas de alterar a legislação para que novos recursos externos ingressem no País.



Senna

— Novos investimentos só virão — observou Senna quando ocorrer persistente retomada do crescimento econômico e o ambiente interno — político, econômico e social — ficar estável. Do contrário, ninguém coloca o dinheiro em país algum, pois sabe que os ricos são muito grandes.

Por isso, aconselha José Senna, o Governo brasileiro, antes de alterar a legislação para facilitar a entrada de recursos externos precisa resolver questões interna, como a inflação.

## Adaptação

Para Carlos Geraldo Langoni, ex-Presidente do Banco Central, existe campo muito interessante a ser explorado, que é a adaptação dos fundos estrangeiros do Decreto-Lei 1.401, a fim de permitir que recursos captados e já internados no



Langoni

Brasil sejam aplicados em participação acionária em empresas. Isso poderia ser feito nos créditos do chamado projeto 2 da dívida (renegociação de US\$ 10 bilhões em 83 e 84), que permitem a troca de tomador de recursos no País. Se parte dos recursos for aplicada em ações preferenciais de empresas, haverá grande efeito multiplicador sobre o mercado acionário e grande impulso para capitalizar a empresa privada nacional, que perdeu os subsídios do crédito.

## Complementar

O ingresso de novos recursos externos e a transformação da dívida externa em capital de risco são soluções "restritas e apenas complementares". A opinião é do Vice-Presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira.



Marcílio

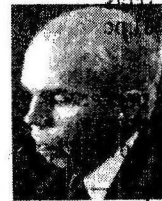
Para o Banqueiro, a solução ideal está na dinamização do mercado interno e no fortalecimento da empresa nacional.

— O ingresso de capital externo — sustenta Marcílio Marques — pode ter papel qualitativo relevante, mas nunca será expressivo em volume. Sempre se trata de uma solução suplementar. A solução central, hoje, é o ajustamento interno da economia e a retomada do desenvolvimento, eliminando a capacidade ociosa em quase todos os segmentos da indústria.

## Crime

— É uma maluquice completa. Um verdadeiro crime contra a economia brasileira.

Assim reagiu ontem o economista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, João



Magalhães

Paulo de Almeida Magalhães, a proposta apresentada pelo Secretário de Estado dos Unidos, George Shultz, para que os países em desenvolvimento convertam suas dívidas externas em capital de risco.

O Brasil, sustenta João Paulo, precisa agora justamente esvaziar as multinacionais e fortalecer a empresa nacional.

— Não se pode pedir para a IBM brasileira competir com a IBM americana. Isso jamais vai ocorrer. O que o Brasil precisa é dar forças às suas empresas, para exportar mais. Abrir as portas ao capital estrangeiro é recolonizar o País.